

KELLY HAMISO

RUDÁ

TRINTA DIAS NO PARAÍSO

“Tome cuidado com o vazio de uma
vida ocupada demais.”

Sócrates

Workaholic

Marcos tentou beijar sua esposa, mas ela virou o rosto para se esquivar. Apesar daquela decisão, Deborah ainda o amava. E mesmo sentindo o peso do corpo dele pressionar o seu contra a parede, numa tentativa frustrada de impedi-la de sair, ela continuou firme. Ergueu os olhos até os dele com as lágrimas insistentes pelo rosto, ambos estavam desestruturados. Deborah disse num sussurro.

— Por favor!

— Não vou deixá-la ir.

— Deixe-me ir, Marcos. Não torne as coisas mais difíceis.

— Não faça isso comigo. — Ele segurou carinhosamente o rosto dela entre suas mãos e continuou. — Eu... eu prometo que vou parar, eu vou dar um jeito nisso...

— Desculpe-me, Marcos, mas desta vez não. — Retomou num tom ainda mais firme:. — Você nunca irá parar. Já me prometeu isso tantas vezes. E tudo que fazemos é adiar o fim. Eu já tomei a minha decisão.

Nesse momento, o celular de Marcos começou a tocar. Fitaram-se por um momento. Deborah queria conferir se ele resistiria àquele som, que para ela era um insulto. O som persistiu. Era nítido nos olhos dele a ansiedade para atender o celular e mesmo naquele momento tão decisivo na sua vida, Marcos não sabia o que era mais importante para ele.

— Vá lá atender...

— Você sabe que é importante, Deborah.

— Esse é o problema, Marcos, tudo é mais importante do que nós. O toque continuou insistente deixando o clima ainda mais tenso entre eles. Marcos baixou os olhos num conflito injusto para ele: precisava atender; precisava mantê-la ali. Voltou a encará-la e viu olhos tristes e sinceramente decididos. Inúmeras brigas sobre o mesmo assunto já haviam acontecido, porém, sempre chegavam num acordo e Marcos nunca cumpria suas promessas. Ela já havia dito em outras discussões que iria embora, mas nunca havia dito com aquele olhar e emocionalmente controlada.

O toque cessou. Marcos soltou-lhe os braços e Deborah caminhou com rapidez até o quarto, apanhou a mala e passou a colocar as roupas de forma desorganizada. Marcos permaneceu por um tempo no meio da sala do seu apartamento, não podia deixar sua mulher e filho atravessarem a porta e irem embora. Seguiu até o corredor, decidido a convencê-la, porém ouviu mais uma vez o toque do celular. Parou abruptamente. O aparelho o dominava. *Precisava* atender. Seria rápido. Poucas palavras trocadas resolveria seu problema e depois gastaria o tempo necessário para se entender com Deborah. Olhou para traz e o aparelho piscava e vibrava, atendeu.

— Alô!

Deborah ao ouvir o marido falando na sala, se desesperou e passou a arrumar as coisas ainda mais rápido e aos prantos. *Ele estava realmente doente*, pensou. Minutos depois o viu parado na porta.

— Deborah, a gente pode se entender. Somos adultos. Não posso deixar você atravessar esta porta com o nosso filho. E como vou ficar sem vocês?

— Já não está conosco há muito tempo, Marcos, só você não percebeu.

— Isso não é verdade. Eu amo vocês. Eu trabalho duro por vocês. Quero te dar de tudo, Deborah. Você vem de uma família rica, eu nunca quis que sentisse falta da sua vida com seus pais.

Deborah pela primeira vez se exaltou voltando a ficar trêmula.

— Não me venha com esse discurso machista e hipócrita, Marcos. Eu nunca te pedi nada. Você trabalha por você...

Marcos se alterou também.

— Deborah, pelo amor de Deus! Eu não uso drogas, não bebo, não tenho amantes. Sou um homem de bem. Nunca faria mal a você. Você sabe que muito dos nossos casais de amigos tem problemas com bebida e amantes. E eu só tenho vocês e o meu trabalho. Você não pode jogar nosso casamento fora porque eu trabalho demais, é insensato, soa ridículo.

— Ridículo? Ridículo é o pai esquecer a festa de aniversário do filho. Ridículo é eu viajar com nosso filho e a minha mãe em todas as férias. É estarmos sentados na mesa pra ceia de Natal e você trocando mensagens com seus clientes. Ridículo é você não saber onde seu filho estuda. Você sabia que a professora dele achou que eu fosse separada? Você sabe o nome da escola dele, Marcos?

— Você sempre tomou a frente de tudo...

— A frente de tudo? Se eu não fizer as coisas quem irá fazer? Você nem soube que eu fui demitida do trabalho e estou em outra empresa faz três meses. Tentei falar com você por várias vezes, mas está sempre ocupado, falando de você mesmo ou com o celular na orelha. — A esposa se acalmou e o encarou: — Ridículo, Marcos, é você fazer amor comigo uma vez no mês e nem ao menos tirar as minhas roupas. Não saímos para jantar nem fazemos programas juntos.

— Você nunca reclamou, Deborah. Não sou um cara romântico. Você sabe o que eu penso sobre essas frescuras de casais. Temos uma casa confortável e aconchegante e você quer fazer sexo num motel? Acha mesmo que rosas, chocolates e música romântica melhoram o relacionamento?

— Essas coisas de casais são importantes, Marcos, mostram que você se importa.

— Achei que você tinha a mesma opinião que eu.

— Esse é problema, já não pensamos do mesmo jeito. E eu não vou desperdiçar mais nem um minuto da minha vida esperando por você. Você não tem tempo para ter uma família.

— E você acha que nosso relacionamento não merece uma chance? Somos tão infelizes assim? Temos um filho.

Ela, percebendo o quão o marido estava abalado, se acalmou e se aproximou dele.

— Isso não é um relacionamento. Eu entendo que esse cargo era tudo o que você almejava, tanto que te apoiei do início ao fim. Você ficou três meses nos Estados Unidos e três na Alemanha fazendo cursos. Fez duas

faculdades. Eu te apoiei em todos esses momentos. Sempre tive orgulho de você, Marcos. Todo sucesso que alcançou é fruto do seu empenho e trabalho duro, mas você não sabe a hora de parar. Não sei no que você se tornou e enquanto você não perceber que está demais, não vai mudar. Me fala, Marcos, aonde mais você quer chegar?

Em silêncio, Marcos tocou seu rosto carinhosamente e perguntou:

— Você não me ama mais, não é?

— Amo você como nunca vou amar outro homem, Marcos, mas estou sozinha, você não é meu companheiro. Você é uma pessoa maravilhosa, entretanto nasceu pra ficar sozinho.

— Você está me traindo? — perguntou com a voz embargada.

— Não, claro que não — disse tirando a mão dele do seu rosto —, mas estou indo antes que isso aconteça.

Deborah foi até a mala, fechou o zíper e caminhou até o quarto do filho, que assistia TV tranquilamente sem fazer ideia do que estava acontecendo no quarto ao lado.

— Você esta bem, filho?

Arthur balançou a cabeça positivamente. Debora se abaixou diante do filho e o abraçou apertado, encarou seus olhos e sorrindo declarou:

— Eu te amo, Arthur.

— Também te amo, mamãe.

Ela se levantou apanhou a mala e a mão de Arthur.

— Onde a gente vai, mamãe?

— Vamos ficar na casa da vovó por um tempo, tá bom?

— E o papai?

— O papai vai trabalhar.

Passaram por Marcos que estava próximo da porta de saída com os olhos marejados.

— Não posso deixar que vá embora. Vamos conversar, como eu vou ficar aqui sem vocês?

Deborah abriu a porta, lhe deu um sorriso triste e antes de sair disse:

— Você nem vai sentir a nossa ausência.

Marcos Monterrey

Cinco anos depois

Marcos acordou ofegante. Suava frio e mantinha a respiração intensa como se nadasse muitos metros até alcançar a superfície. Estava exausto e sem fôlego. Sentou-se na cama sentindo o tapete macio sob seus pés e apoiou os cotovelos nos joelhos passando as mãos por trás da nuca. Apertou os olhos e tentou respirar alternadamente por alguns minutos, esperando que a angústia passasse. O alarme do celular tocou e de certa forma o despertou daquela agonia. Apanhou o aparelho e desligou aquele som irritante. Algo estava errado, as crises estavam cada vez mais frequentes. Conferiu a hora, eram seis da manhã, estufou o peito e ergueu o queixo tomando seu porte autoritário, não tinha tempo para perder com mal-estar. Se levantou e ordenou.

Acender luzes

As luzes da suíte se acenderam ao comando da sua voz. Passou para o banheiro e ordenou novamente. Abriu um aplicativo no seu celular e digitou: a pressão do jato que desejava que saísse do chuveiro; a temperatura da água e a luz escolhida na cromoterapia. E quando confirmou, um jato forte, quente e com uma luz verde saiu do chuveiro. Arrastou para o lado a porta de vidro e entrou no box. Tomou um banho rápido e escovou os dentes lá mesmo. Saiu. Secou seu corpo e seus cabelos negros e lisos, que já caíam sobre a testa. Voltou para o quarto e vestiu a cueca ficando diante do espelho. Trinta e cinco anos, costas largas e braços definidos devido a uma adolescência inteira praticando natação cinco vezes por semana, religiosamente. E um metro e oitenta e dois que o deixava ainda mais elegante dentro do terno. Mantinha uma barba bem aparada, sem falhas nos pelos que se destacava sobre sua pele branca. Os olhos eram o abre-alas daquele homem, tinham um formato apertado, mas isso não impedia que seu par de olhos verdes-claros fosse admirado, que por conta deles era chamado de “gato”, um apelido secreto usado pelo mulheril do departamento no qual trabalhava. Homem muito sério e direto. Poucas coisas o faziam sorrir. Por isso mostrar seu sorriso de dentes perfeitos era um presente para quem os visse. Os olhos e o sorriso eram

seus atrativos naturais; quanto aos adicionais, Marcos estava sempre bem-vestido e cheiroso.

Ele abriu o guarda-roupas e apanhou um terno cinza-escuro e vestiu a calça. Passou a toalha sobre os pelos do peito, antes de vestir a camisa azul-clara. Apanhou o celular e ordenou:.

Ligar para Vânia

Ao receber o comando, a voz feminina e “robotizada” do seu celular respondeu:

Ligando para Vânia

No segundo toque, a chamada foi atendida.

— Bom dia, doutor Marcos! — disse a voz de sua secretária que saiu do viva-voz do aparelho.

— Bom dia, Vânia! — cumprimentou borrifando perfume contra o abdome. — Pediu para o motorista vir me buscar?

— Sim, senhor. Ele está atrasado?

— Não sei. Eu não descii ainda, apenas queria saber se estava tudo certo.

— Vou checar, doutor Marcos. Só lembrando que o senhor tem uma reunião com a Dona Martha hoje às nove horas. — Enquanto ouvia abotoou a camisa e em seguida os punhos. — Hoje o senhor vai almoçar no escritório, pode me adiantar o pedido?

— Qualquer coisa rápida, não posso perder tempo com almoço.

— Pode ser um sanduíche?

— Sim... — disse Marcos penteando os cabelos. — Ivan deixou algum recado sobre o fiscal da obra do Rio?

— Ele não ligou, doutor Marcos. Mas posso entrar em contato...

— Não Vânia — ele a interrompeu. — Não se preocupe, é só isso.

— Só mais uma dúvida, doutor Marcos, o aniversário da Dona Bianca é dia 15 de julho.

— Mas ainda falta um mês... — interrompeu ele.

— Eu sei, mas eu gosto de manter tudo adiantado. O senhor tem algo em mente para presentear-la?

— Não... — disse se olhando no espelho — mas compre uma joia ou algo assim.

— Anotado, vou procurar algumas opções e lhe mostro o catálogo para que o senhor escolha.

— Escolha você, Vânia, confio no seu bom gosto.

— Obrigada, doutor, farei isso. Antes de desligar, acabei de receber a mensagem do motorista ele o aguarda lá embaixo.

— Obrigado, Vânia. Até mais.

— Até mais.

Marcos colocou um reluzente relógio em torno do pulso e o prendeu num clique, se aproximou do espelho ajeitando o nó da gravata vermelha. Apanhou o celular e saiu do quarto comandando;

Apagar luzes

Foi até a sala de estar do seu apartamento e viu o filho sentado no sofá. Já estava vestido com o uniforme escolar e fazia da mochila apoio para os pés. Marcos olhou para o filho com os olhos grudados no celular.

— Arthur, não acha que é cedo demais para ficar no celular?

— Pai, você tem que ver o que eu construí no Minecraft.

— Que bom que está gostando, filho — disse mecanicamente, não tinha a mínima ideia sobre o que o filho estava falando e ordenou:

Abrir cortinas

As persianas ergueram-se automaticamente, revelando uma imensa parede de vidro, que deixava o ambiente sem privacidade, mas que brindava os olhos dos apreciadores da individualidade pitoresca da megalópole, em tons de cinza e com seu céu espetacularmente chumbo. Um dia tão frio e acrômico quanto seu apartamento, na qual a mesa de trabalho com tampo de vidro fumê, se destacava no ambiente ainda mais do que seu conjunto de sofá italiano, na qual Marcos havia desfrutado pouquíssimas vezes do seu conforto. A máquina de café espresso, programada no dia anterior pela sua empregada, ligou em outro passe “automático”. E pontualmente às seis e quarenta e cinco, o líquido negro escorreu no centro da xícara e o cheiro de café se espalhou pelo apartamento.

— Quer tomar café da manhã, filho? — perguntou Marcos rodando o líquido na xícara e em seguida tomando-o em dois goles.

— Não, pai, estou sem fome. Depois eu como um sanduíche na cantina da escola.

— Ótimo, assim não perdemos tempo. Vamos então?

Marcos apanhou sobre a mesa, a carteira, os óculos de sol e sua pasta com notebook. Arthur se levantou, jogou a mochila nas costas, ainda olhando no celular e com os polegares frenéticos sobre os comandos. Marcos pousou a mão no ombro do filho para conduzi-lo até a porta. Andavam sempre assim. Era um jeito de não se perderem em lugares públicos, já que sempre estavam com os olhos nos seus celulares. Era todo o contato físico que tinham: mão no ombro e um beijo antes de descer do carro e ir para escola. Quando trocavam mensagens, pai e filho diziam que se amavam constantemente, mas o sentimento limitava-se em demonstrações afetivas virtuais. Sentimentos portáteis. Quando estavam em casa, apesar de juntos, pertenciam às suas paixões individuais. Marcos fazia de tudo pelo filho: melhor escola, melhor curso de inglês, melhor instrutor de natação, melhor celular, melhor videogame, melhor babá. Os brinquedos mais caros e os passeios mais felizes, porém sempre na companhia de Roberta, a acompanhante de Arthur, que era o destaque nos álbuns de fotos do menino e que já havia ido a Disney por três vezes. Arthur era um ótimo filho, calado, obediente e educado. Era muito magro, pois era muito seletivo para comer. Usava óculos desde pequeno, mas as lentes não ofuscavam seus lindos olhos verdes que havia herdado do pai, todos diziam que Arthur era tão parecido com Marcos que era como sua miniatura. O menino gostava de ouvir aquilo, devido aos inúmeros elogios que recebia sobre o quão pai era bonito.

Destravar porta

Ouviram um clique, e a porta de entrada se abriu levando-os ao pequeno hall que dividia com o apartamento ao lado. Ele apertou o número zero do painel do elevador e em seguida confirmou com sua digital fazendo as portas se abrirem. Desceram até a recepção, Marcos cumprimentou o porteiro, mas sem tirar a mão do ombro do filho. Ganharam a rua na qual o carro da empresa os aguardava. Abriu a porta traseira, esperou que Arthur entrasse e em seguida acomodou-se também.

— Bom dia, doutor Marcos! — saudou o motorista.

— Bom dia!

O motorista colocou na estação de rádio que informava as notícias da manhã e seguiu. O carro preto com vidros escuros tornava impossível ver quem estava dentro. Enquanto o barulho, o frio e a fila infinita de carros deixava as pessoas enlouquecidas, lá fora, Marcos e o filho iniciavam tranquilamente a sua rotina: o menino jogando no celular; Marcos ocupado demais com suas mensagens, para perceber o caos que se estabelecia nas ruas. Lia todas as mensagens e respondia a algumas, no conforto do banco de couro e no privilegiado silêncio que proporcionavam os carros blindados. São Paulo, para os dois, passava imperceptível diante do vidro. O motorista parou em frente à escola, olhou no retrovisor interno e como pai e filho não fizeram nenhum movimento, anunciou.

— Chegamos na escola, doutor.

Os dois despertaram-se dos seus aparelhos celulares. Arthur apanhou a alça da mochila e deu um beijo no rosto do pai e saiu. Marcos ficou esperando que ele atravessasse o portão e só então ordenou para que motorista continuasse. Apesar de lento o trânsito fluía, devido à rota que o motorista havia traçado utilizando o GPS, para encontrar o melhor caminho até o edifício da Costa Barreto na Av. Paulista, na cidade de São Paulo. Marcos ouviu o toque do celular, daqueles convencionais, já que não tinha tempo para colocar sua música preferida e também achava antiético, pois usava o aparelho estritamente para o trabalho. Voltou a dar atenção aos seus compromissos quando trinta minutos depois do anda e para finalmente o carro entrou na avenida e alguns metros à frente, já podiam ver o imponente edifício espelhado da Costa Barreto. Marcos apanhou o celular e a pasta e saltou do automóvel, atravessou o hall de onde havia um chafariz na qual jorrava água sobre uma pedra de mármore importado, com o nome da empresa. Colocou sua digital sobre um painel e teve permissão para atravessar a catraca, digitou o andar e a porta do elevador se abriu. Duas mulheres que lá estavam se entreolharam com sorrisos maliciosos depois que mecanicamente Marcos respondeu: bom dia. Ele exibia um porte altivo que exalava autoridade. A voz grossa e sempre em tom firme passava segurança nas suas palavras. Até seus gestos e movimentos pareciam programados. Voltou os olhos até o celular e a tela se enchia de mensagens e de chamadas não atendidas e entre elas estava uma de Bianca, sua namorada. Não retornou. As portas se abriram no

décimo andar diante de uma antessala, na qual ficava a mesa da sua secretária. Se aproximou dela ouvindo o celular tocar e antes que pudessem trocar alguma palavra, atendeu. Vânia tentou mantê-lo ali, balbuciando e mostrando com gestos que precisava de assinaturas, mas a conversa no celular tornou-se calorosa e Marcos saiu andando pelos corredores.

— Doutor Marcos... — Tentou Vânia inutilmente, vendo o chefe desaparecer. Ela deixou os ombros caírem e se levantou apressada, apanhou as folhas, a caneta preferida dele e saiu saltitando sobre seus sapatos. Ver Vânia saltitando atrás do seu chefe era uma cena típica naquela empresa. Vânia era a secretária perfeita, além de cuidar das questões profissionais de Marcos, cuidava de sua alimentação e de sua vida pessoal. Sabia de todos os seus gostos e compromissos. Ele não tinha tempo para perder com isso. Os familiares do executivo sempre usavam o mesmo discurso, quando se encontravam esporadicamente em alguma reunião familiar, dizendo a Marcos que trabalhava muito. Mas ele amava o que fazia e por isso não achava demais. Gostava de ser o *frontman* da empresa. Ser útil. Capaz de resolver qualquer desafio e obstáculo e gostava ainda mais da indescritível satisfação ao superá-los. Era como uma droga.

Marcos desligou o celular e voltou para sua sala, e Vânia o acompanhou com o calhamaço e sua caneta preferida. Ele sentou-se, soltando antes os botões do terno, tirou o notebook de dentro da pasta e o pôs sobre a mesa. E, quando o ligou viu seus e-mails se enfileirarem em centenas de mensagens não lidas. Como todas as manhãs, Vânia lhe trouxe um café e iniciou os recados deixados, mesmo sabendo que ele não estava ouvindo, havia sido orientada a passar para ele oralmente assim que chegasse e assim agia havia anos, com toda dedicação.

— Primeiramente eu gostaria de parabenizar o senhor pelo noivado.

Marcos sem desgrudar os olhos do computador perguntou, mostrando pouco interesse.

— Que noivado, Vânia?

— O noivado do senhor com a Dona Bianca.

Antes que ele perguntasse, Vânia lhe mostrou o jornal, uma foto dele com a namorada num restaurante, na qual a mão direita de Bianca estava

em destaque e um círculo vermelho em volta do dedo anelar. Na manchete: Marcos Monterrey pede Bianca Costa Barreto em casamento.

Apesar do sorriso sem jeito, Vânia sentia-se desapontada. Sabia tudo sobre o chefe e sentiu-se traída por não saber sobre o noivado. Marcos não leu, dobrou o jornal e sem dar muita importância, devolveu a sua secretária.

— Isso não é verdade, Vânia. Não fiquei noivo.

Marcos voltou a dar atenção aos e-mails, e um deles chamou-lhe atenção. Aproximou os olhos da tela e seu rosto se fechou, disse num tom áspero, não com Vânia, mas pelo efeito da má notícia.

— Esse cara está me tirando do sério! Vânia, acho que vou precisar de um voo para o Rio.

— Quais os horários de sua preferência?

— Ainda não sei... — disse numa conversa particular. — Nunca vi tanta arrogância. Me traga outro café e continue com os recados, por favor.

Vânia foi até a máquina de café e preparou uma pequena xícara, com apenas um sachê de açúcar.

— Bem, eu preciso que o senhor assine algumas liberações... — Tentou a secretária voltando com outro café, mas ouviram alguém bater à porta. Vânia parou de falar e saltitou até ela e antes que pudesse autorizar a entrada, dois engravatados entraram com expressões preocupadas e se sentaram na frente da mesa do executivo.

— Bom dia! — disse Vânia para si, pois os dois haviam passado por ela feito dois trens desgovernados.

— Você não vai acreditar, Marcos...

— Eu já sei. O fiscal me mandou um e-mail.

— O que vamos fazer? — perguntou um dos homens visivelmente tenso.

— Vou até o Rio de Janeiro falar com ele — respondeu Marcos como se aquilo não o abalasse. — Quero ver o que esse fiscal vai me apresentar. Ele não tem argumentos contundentes para embargar a minha obra.

— Mas se ele parar?

— Ele não vai parar a minha obra. — Virou-se para sua secretária. — Vânia, preciso de passagens ida e volta para o Rio. Quero estar na obra no primeiro horário, amanhã.

— Ok, doutor Marcos — assentiu enquanto anotava na agenda. — Ligo para a acompanhante do Arthur para dormir na sua casa com ele?

— Isso, bem lembrado. Providencie tudo para minha viagem, por favor.

— Vou fazer isso agora mesmo, mas antes eu preciso que o senhor assine essas liberações.

Vânia pousou sobre a mesa, folhas milimetricamente enfileiradas.

— O que é isso, Vânia?

— São para liberação de contratação dos novos funcionários. Já validei tudo, o Alex selecionou, entrevistou e fez os testes. A Cinthia já checkou a documentação. Estes já são os aprovados, só preciso da sua assinatura consentindo a contratação.

Marcos grudou os olhos nas páginas e estendeu a mão para o alto, Vânia automaticamente lhe entregou sua caneta preferida, porém antes que pudesse iniciar sua assinatura, outro homem entrou na sala sem bater e ainda mais tenso do que os primeiros visitantes.

— Marcos, o fiscal disse que só fala com você — disse gesticulando. — Para não mandar mais nenhum funcionário para a obra, nem material que a partir de amanhã ninguém entra mais.

O executivo ficou olhando para o recém-chegado pensando no que dizer e com a ponta da caneta engatilhada na linha da assinatura.

— Eu tenho quinze torres sendo erguidas e uma me dando trabalho por todas elas.

— A poderosa está chegando aí — avisou o recém-chegado referindo-se à presidente.

— Pode deixar comigo — respondeu Marcos tranquilamente. — Eu resolvo.

— Juro que queria ter a sua calma, eu nem dormi essa noite depois que aquele filho da puta falou realmente o que queria, e parece que a rixa dele é com você, Marcos

— Eu não o conheço. — Marcos virou-se para Vânia. — Traga-me as pastas da Torre do Rio, Vânia, e outro café, por favor.

— Vou buscar agora mesmo.

Quando Vânia saiu, um dos homens lhe estendeu um cartão com um olhar cúmplice.

— Esse cartão tem o telefone de umas amigas minhas do Rio, se você quiser dar uma relaxada...

Marcos desceu os olhos até o cartão, nele havia a foto de uma garota usando lingerie e um número de telefone, não fez nenhum gesto para apanhá-lo.

— Agradeço a gentileza, Moura, mas vou ao Rio a trabalho.

O homem voltou a guardar o cartão na carteira, mas antes mostrou a foto para o homem ao seu lado, que pareceu gostar do que estava vendo. Nesse momento o telefone da sua mesa tocou, Marcos o atendeu.

— Alô!

— Doutor Marcos — disse a telefonista —, o doutor Clóvis na linha um, e na linha dois o Ivan.

— Pode passar o Ivan, por favor. — Esperou por um segundo. — Alô, Ivan. Eu estarei aí pela amanhã, preciso que esteja na obra. Vamos encurralar esse cara. Ele não pode parar minha obra. Ele não tem motivos pra isso. — Ficou em silêncio e voltou a falar: — Eu sei que ele quer dinheiro, mas eu não vou aceitar. — Marcos ouviu o celular tocar e olhou no visor. — Ivan, o fiscal está me ligando no celular, aguarde um momento vou atendê-lo. — Marcos levou o celular até a orelha e cumprimentou: — Bom dia!

Voltou a ficar em silêncio ouvindo o fiscal. Seu semblante mudou completamente, tomando uma forma dura. Apenas alguns segundos ouvindo o homem do outro lado da linha fora o suficiente para fazê-lo se levantar como o macho alpha que é desafiado por outro macho para um duelo e medir quem era o mais forte. Todos ficaram em silêncio com olhos arregalados para o jovem executivo, tentando ouvir qualquer coisa que indicasse a rendição do fiscal e o fim daquele conflito. Vânia voltou a entrar na sala e viu o telefone fora do gancho.

— Alô!

— Oi, Vânia, é o Ivan. E o Marcos?

— Ivan, liga daqui a pouco o doutor Marcos saiu da sala. Acho que vai demorar.

— Tá bom, ligarei em cinco minutos.

Ela voltou o telefone no gancho e imediatamente duas linhas voltaram a tocar, atendeu.

— O doutor Marcos não pode atender agora — disse ela a telefonista.

— O doutor Clóvis na linha dois, e a Dona Bianca na linha três e ela disse que vai aguardar.

Vânia levou os olhos até seu chefe andando pela da sala, ele não atenderia, voltou-se para a telefonista.

— Ele está no celular e a sala dele está cheia. Deixa os dois na espera, então.

— Tá, ok!

Marcos atravessou a porta e saiu sem rumo pelos corredores da empresa, gastando o seu vocabulário e fazendo as moças do andar ficarem desatentas com sua presença. Vânia deixou os ombros caírem novamente, desanimada, precisava daquelas assinaturas e saiu atrás de seu chefe como uma sombra saltitante. E apesar de Marcos mostrar um tom firme num timbre alto, estava controlado. Vânia foi para fora e parou ao lado de uma mesa vendo seu chefe caminhando sem rumo.

— Nossa, Vânia, como você consegue? — A secretária olhou para a mulher com olhar curioso.

— Consigo o quê?

— Trabalhar ao lado de um homem deste. Quando ele passou aqui o cheiro ficou no caminho.

Vânia lançou-lhe um olhar rápido de reprovação e continuou observando seu chefe como uma ave de rapina sobre sua presa, à espera que ele pedisse algo, e, somente um som a tiraria daquela espreita, som de saltos imponentes sobre o chão e foi os que ela ouviu entrando na sala de reuniões. Dona Martha, era uma senhora de sessenta quatro anos, pequena, muito magra, cabelos curtos pintados de louro, sempre com o mesmo penteado moldado com mousse fixador que a deixava com um ar ainda mais imponente e compunha seu perfil robótico. Tinha um olhar especulador, mas mantinha sempre um sorriso congelado, indecifrável: não era possível saber se estava feliz de fato ou sendo irônica. Parecia um robô. Não demonstrava nunca com expressões faciais suas emoções. Dizem que conversar com ela era como falar com um objeto, era impossível saber o que estava pensando. E era por trás de uma mulher fisicamente frágil que se escondia a presidente da empresa Costa Barreto, uma construtora de edifícios residenciais e comerciais pioneira no país e que sustentava um nome empresarial que era sinônimo de bom gosto e qualidade. Apesar de a empresa ser fundada por seu sogro, quando ela e o marido tomaram à frente a empresa despontou no ramo. Seu Augusto Costa Barreto, o marido, era os braços e as pernas da empresa, Dona Martha era inegavelmente a alma do negócio. Mulher inteligente, dinâmica e decidida. Sempre um passo à frente dos executivos, mesmo dos mais experientes e dos mais cursados. Nada era um obstáculo para ela, pelo contrário, era muito perspicaz e calculista.

Vânia se desesperou ao ver que a diretora se dirigia para a sala, acenou para o seu chefe e apontou para a sala de reuniões.

— Bom dia a todos! — disse a presidente olhando para a cadeira de Marcos. Ela sentou-se à cabeceira da mesa e todos voltaram a se sentar. Mesmo sendo uma reunião de rotina para atualizar as informações da semana para ela — já que Marcos era o vice-presidente — mesmo assim ele julgava importante e tratou de finalizar a ligação. Entrou na sala de reunião pedindo licença. E ao se sentar, Dona Martha levou os olhos até seu pupilo, que mantinha o queixo duro, olhar firme e o rosto completamente vermelho.

— Marcos. — Ele se despreendeu dos seus pensamentos e olhou para a presidente. — Você está bem? Quer um pouco de água?

— Não, obrigado, Dona Martha.

— Algum problema? — insistiu ela com certa serenidade na voz, mas cheia de autoridade no olhar.

Ele ergueu as sobrancelhas tentando desfazer o vinco de preocupação, mostrando-se tranquilo.

— Nada que não possa ser resolvido.

Ela baixou os olhos e sorriu, sentindo-se orgulhosa. Sabia que uma das torres podiam ter desabado em toneladas de escombros que Marcos diria “nada que não possa ser resolvido”. E cada vez que ouvia isso, enchia-se de orgulho por ter encontrado a pessoa certa, já que não havia quem tomasse a frente da empresa, quando ela e o marido estivessem velhos ou mortos. O casal nutria por Marcos uma feição e admiração inegáveis, apesar de demonstrarem que era estritamente profissional. Mas era nos olhos daquela mulher, rígida que era notável um sentimento que ia além da admiração profissional. Os invejosos usavam este argumento para justificar a ascensão meteórica de Marcos, mas isso não era verdade. Dona Martha percebendo no garoto calado, que trabalhava com afinco e desempenhava suas tarefas com total responsabilidade, um homem brilhante. Marcos era insistente e persistente. Empenhava-se muito em situações que pareciam sem solução. E isso despertou a atenção daquela mulher. Então, desde os seus vinte anos, quando Marcos entrou na Costa Barreto como estagiário, Dona Martha treinou o rapaz para ser como ela, lhe ensinou tudo. E via que dia a dia que seu discípulo havia aprendido com toda devoção. Marcos havia nascido para liderar.

Ela dizia ao marido que homens como Marcos não surgiam em faculdades, eles nasciam líderes; por isso eram raros. Apresentava soluções e ideias viáveis, tinha um tino para diplomacia e um instinto inabalável de liderança: um general. Marcos também era uma máquina de trabalhar, não existia distração mais agradável do que seu escritório, não havia nada mais prazeroso do que passar horas na frente de um computador analisando tudo, não havia música melhor para seus ouvidos do que a voz do outro lado do celular dizendo: você conseguiu. O trabalho para ele era seu

hobby, seu vício e um prazer absoluto. A partir daí Marcos passou a ser o centro da empresa e o único candidato a seu sucessor. No começo, os executivos não ficaram confortáveis com a decisão de Dona Martha de nomear um rapaz tão jovem para vice-presidente, mas em anos de total dedicação Marcos nunca havia desapontado sua mentora e também, ninguém era capaz de ir contra as decisões de Dona Martha.

Marcos é divorciado, sua esposa não aguentara sua obsessão pelo trabalho e o casamento se desfez quando Arthur tinha apenas três anos. Não se casou novamente, mas há um ano namorava a sobrinha de Dona Martha, Bianca. A moça perfeita, famosa, bonita, elegante e lhe deixava livre para o trabalho. Bianca contentava-se com os raros momentos ao lado do namorado. Compreendia sua ausência e as longas viagens de negócios. Mas seu prêmio eram lindas fotos ao lado do homem mais badalado do momento. Em determinadas horas Dona Martha achava que aquele relacionamento existia por puro interesse de ambos: Marcos era o executivo famoso, influente e estava em destaque na mídia por conta da pouca idade, e, claro, sua beleza. Já Bianca era a celebridade do momento, uma socialite que fazia muito sucesso nas redes sociais: exibindo os prazeres proporcionados por seu altíssimo nível social, mas demonstrando nos vídeos certa humildade. Tinha milhões de seguidores. Juntos, Marcos e Bianca, num simples passeio no shopping viravam o centro das atenções. Jovens, bonitos, populares e artificiais. E apesar de a mídia insistir em apresentá-los como um exemplo de casal moderno, mantinham um relacionamento frio e distante. Por ora pareciam mesmo o casal perfeito, mas Dona Martha estava certa de que com o passar do tempo o gelo derreteria e a relação escorreria pelo ralo. Era isso que via para o futuro dos dois, apesar de a sobrinha ter anunciado recentemente um suposto noivado, que para Dona Martha era mais um dos golpes de Bianca para manter-se nos noticiários. Mesmo assim, a presidente não reclamava, apesar de achar que aquilo não era saudável, Marcos era o sucessor robótico e excepcional que muitos empresários gostariam de ter como funcionário. Ele admirava Dona Martha e se espelhava nela para tudo, ela era o seu ídolo. E a admiração era mútua.

Amauri, um dos executivos do departamento de vendas, ligou a tevê e sua apresentação se iniciou, mostrava todo o projeto de um resort, era uma obra gigantesca. Mas por um momento Dona Martha interrompeu a apresentação.

— Espere... — Todos olharam para ela surpresos com o tom. — Antes que o senhor prossiga. Esse local não é uma reserva indígena?

— Não, é uma propriedade privada.

— Sim, eu sei. Vou reformular a minha pergunta, então. Não havia nessas terras uma tribo indígena?

— Sim, mas eles foram embora.

— Como assim, foram embora? Pediram licença e eles simplesmente se retiraram?

Todos ficaram surpresos com aquela pergunta.

— É que os assuntos burocráticos referentes à desocupação, são de interesse do nosso cliente. Recebemos apenas a liberação para executar o projeto.

— Eu conheço os procedimentos desta empresa.

— Desculpe-me, Dona Martha.

— Ao menos que o senhor esteja sofrendo de algum problema de memória, senhor, justificará o fato de que na última reunião eu disse que não iria compactuar com isso. Minha empresa não vai estar vinculada à injustiça. Você sabia que existia uma tribo indígena ocupando a área e eu disse ao senhor que só seria feita a construção se eu tivesse todas as informações de que a tribo foi transferida em comum acordo para outro lugar de tamanho igual ou maior ao que eles estavam ocupando. Não recebi nenhum documento relatando isso.

— Mas é um empreendimento milionário.

— A Costa Barreto, senhor, é uma empresa que trabalha de acordo com a lei e a ética. E se o senhor não tem em mãos esses documentos, então, a reunião está encerrada.

— Mas a saída dos índios foi legal. As terras não eram deles...

— Moravam lá havia cento e cinquenta e dois anos, passando de geração pra geração. Quem é dono de quem?

— O Marcos pode provar a senhora que nada temos referente à desocupação. — Virou-se para ele. — Não é, Marcos?

— Não temos nenhuma responsabilidade...

— Eu não preciso do doutor Marcos para me dizer isso. Me diga o senhor. Para onde foram os indígenas?

O homem olhou para todos em busca de alguém com coragem para ficar ao lado dele, mas ninguém se manifestou. Sentiu o suor escorrer-lhe por dentro do terno, continuou:

— Eu não sei, mas eu soube que resolveram com eles.

— Acredito que deva ter sido uma proposta irrecusável para um grupo de cinquenta indígenas abandonarem suas casas e saírem pacificamente para um lugar que ninguém sabe onde é.

O homem desligou a tevê e olhou para os demais.

— Desculpe-me, Dona Martha, pelo que vou dizer, mas eu achei que a empresa preocupava-se apenas com a construção.

— Suas desculpas não serão aceitas, já que o senhor tinha ciência da minha opinião sobre esse empreendimento. Desperdiçou seus esforços. Eu garanto ao senhor que esses indígenas provavelmente foram expulsos, ameaçados, ou na pior das hipóteses, dizimados.

— Mas se não fizermos esta obra outro o fará.

— Então, que outro o faça. Não será pelas minhas mãos.

O homem ficou em pé indignado e sem saber o que dizer, tentou mais uma vez.

— Eu realmente não estou entendendo.

— Não vou dormir com esta culpa, doutor. Precisamos deste empreendimento, Marcos?

— Não...

— A empresa corre algum risco financeiro se recusarmos?

— Não...

Ela virou-se para o homem e sorriu.

— Algo mais a nos apresentar?

— Não, Dona Martha, não tenho mais nada a dizer.

A reunião prosseguiu. Dona Martha, depois de ouvir a todos e tirar suas dúvidas, fazia seu discurso final. Os executivos que compunham a mesa não desgrudavam os olhos da empresária. Mais uma torre seria liberada, porém, agora, em Berlim. Era o início da invasão da Costa Barreto na Europa. Dona Martha falou sobre o excelente trabalho da equipe e agradeceu.

— Eu gostaria de finalizar agradecendo esta equipe e a todos os funcionários por mais esta conquista. Senhores esta reunião está encerrada.

Todos os diretores se levantaram e foram parabenizar Dona Martha que gostava de manter certo contato com os funcionários. E mesmo rodeada pelos seus executivos a empresária observou Marcos ainda sentado com o celular na orelha, esfregando a ponta dos dedos na testa, parecia tenso.

Marcos foi para sua sala e sua secretária anunciou o que ele já previa. Amauri estava à sua espera, de pé, com a tez enrubescida, olhando pelo vidro da janela. Marcos entrou e ele veio rapidamente na sua direção.

— O que ela lhe disse?

— Nada.

— Ela perdeu a noção. Ela está tão velha que perdeu o feeling para os negócios.

— Não vou admitir que fale assim da Dona Martha. Por favor, saia da minha sala, ou seja ao menos digno de dizer isso a ela.

— Me desculpe, Marcos — disse o homem apertando o canto dos olhos. — É que estou muito nervoso. São quase vinte milhões, Marcos, por causa de meia dúzia de índios?

— A decisão é dela.

— Você não pode persuadi-la?

— Eu nunca faria isso. — Apesar de Marcos estar incomodado com a

abordagem do homem entendia sua frustração. — O que aconteceu com os indígenas?

— Eu sei lá. Quero que se fodam. Quem tem que pagar as contas com Deus é o nosso cliente.

— Não é bem assim que as coisas funcionam.

— Eu não ligo pra um bando de encostados e vagabundos se apropriando de terras alheias.

Marcos sentou-se. Não compactuava da opinião dele, mas pensando como advogado, legalmente, o cliente estava correto, as terras não eram dos indígenas.

— Sei o que quer dizer. Mas se tudo está dentro da lei, mostre os relatórios. Traga os documentos comprovando que os indígenas foram para um lugar tão bom quanto o lugar que estavam. Ela não vai ter argumentos para recusar. Entretanto sem as provas...

— Eu lutei por três meses pra conseguir esta obra — despejou o homem ainda mais indignado. — Pra mostrar meu trabalho, meu valor dentro desta empresa. Me privei das coisas que eu gosto de fazer, da minha família pra me dedicar de corpo e alma para ganhar e consegui. Fomos escolhidos.

— A decisão é dela, Amauri. Prove, apenas prove é o que ela quer. E o seu trabalho não terá sido em vão.

— Não vou aceitar que tudo vá por água abaixo por causa de meia dúzia de oportunistas. Ninguém quer pegar no batente, trabalhar. Querem terras doadas...

— Eles querem terra para viver dela, não usam para nenhum tipo de lucro.

— Eu vou te dizer uma coisa, Marcos. Vou conseguir o documento que ela quer, nem que eu tenha que fazer cada desocupado assinar de baixo de bala.

Marcos voltou a coluna no encosto vendo o homem sair da sua sala batendo a porta. Voltou a olhar seu computador e a linha interna tocou, atendeu.

— Pronto.

— Marcos, pode vir até a minha sala?

— Claro, Dona Martha, agora mesmo.

Ele saiu e foi até o elevador ouvindo sua secretária dizendo.

— Doutor Marcos...

Mas ele nem dera atenção indo para a sala da diretora, bateu na porta e entrou.

— Com licença.

— Entre — pediu sem olhá-lo, assinando alguns papéis. — Sente-se.

Dona Martha esperou que ele se sentasse, pousou a caneta ao lado do papel, tirou os óculos e cruzou os dedos sobre a mesa olhando nos seus olhos.

— Quero que me responda com uma palavra. O que achou da minha decisão?

— Cabe somente a senhora a decisão...

— Uma palavra, Marcos.

Marcos se endireitou na cadeira, puxou o ar e disse:

— Precipitada.

— Entendo...

Falou parecendo desapontada.

— Minha opinião é irrelevante, Dona Martha.

— Para mim sua opinião é de extrema importância, Marcos.

— Acredito que a senhora deva ter seus motivos.

— Você, pensando como empresário, faria esta obra? Faria a obra mesmo sem precisar dela?

— Sim.

— Por quê?

— É um grande empreendimento.

— Um grande empreendimento — avaliou vagamente segurando o queixo.

— Um argumento pouco convincente vindo do doutor Marcos Monterrey, não acha? Você acha que a Costa Barreto precisa deste grande empreendimento para colocar no seu currículo?

— Para provar sua capacidade, não.

— Então faria apenas pela conquista?

— Sim e o lucro desta obra pode ser uma garantia.

— Você está certo. Caso entremos numa crise. — Dona Martha voltou a ficar em silêncio olhando para o lado, esfregou uma mão na outra e voltou a falar: — Você se preocupa com a tribo que vivia lá?

— Dona Martha eu não posso opinar, é uma questão particular.

— O Marcos se preocupa com pessoas perdendo seus lares?

— Ele disse que foi uma desapropriação legal e pacífica.

— E você sem nenhum dado se convenceu disso para deitar a cabeça no travesseiro e dormir em paz no seu aconchegante lar. O problema não é seu, certo?

— Certo — respondeu ele desconfortável.

— Tenho sessenta e quatro anos, Marcos. Acha que quero conviver com essa culpa? Esses indígenas foram expulsos. Crianças, velhos, seres humanos... Milhares de animais silvestres, plantas, árvores centenárias. Os indígenas daquela área estão lá há mais de cem anos, utilizaram aquele espaço com respeito. E agora vai virar um pedaço de terra improdutivo. Aquilo virará um grande e bonito entulho construído pelo homem. Levando sujeira e poluição para aquela área. Nem tudo é só conquistas e lucros. Existem outros tipos de riquezas. Parece hipócrita vindo da boca de uma mulher rica. E que vive da construção. Mas eu construo pedra sobre pedra. Vasculhe nossa história, nunca construí nada fora das grandes cidades. Nunca vou apoiar desmatamento, desapropriação. A ganância do homem é insaciável, construímos monumentos colossais para chamar atenção do parasita. É como um sanduíche, vende mais aquele que coloca mais porcarias dentro. E não vamos parar até que o planeta se transforme numa imensa bola de lixo no espaço. E o resultado disso? O fim. Não espero que me entenda agora, Marcos, mas quando chegar na minha idade, vai ter aprendido a ter valores diferentes. Eu só aceitaria esta obra se eu estivesse à beira da falência e estou pensando nos milhares de funcionários desempregados, as milhares de famílias sem ter o salário que sai daqui.

Marcos não esboçou nenhuma expressão.

— Eu sei disso.

— E você? O que está me escondendo.

Ele ergueu as sobrancelhas tentando demonstrar-se tranquilo e olhou para ela.

— Está tudo sob controle — desconversou.

— Conheço você, doutor Marcos Monterrey. É claro que algo está errado — disse ela num tom firme, ergueu o queixo para mostrar-se superior e o encarou. — Vejo na sua testa, no seu rubor e na forma firme como me olha numa tentativa inútil de me convencer de que não está mentindo.

Marcos não baixou os olhos, Dona Martha sempre dizia que baixar os olhos era o mesmo que admitir a derrota. *Sempre olhe nos olhos das pessoas quando falar, mostre autoridade na sua postura, pense antes de dizer para que não lhe falte as palavras e convença com a firmeza no seu tom de voz.* Marcos despejou:

— Um fiscal quer embargar a obra do Rio de Janeiro.

— Explique-se — ordenou ela sem demonstrar o que pensava.

— Ele quer dinheiro. Um fiscal corrupto atrás de um corruptível. Não quero me submeter à chantagem dele, mas não tenho como impedir-lo do embargo. Ele tem o poder. Posso provar depois que estamos dentro da lei, mas com isso a obra ficará parada por algum tempo. E isso para nós, financeiramente, não é nada bom.

Dona Martha baixou os olhos, Marcos sentiu-se desconfortável, achando que a tinha desapontado. Ela pensou por um instante e voltou a olhá-lo.

— Dê a ele o que ele quer, Marcos.

— Mas, Dona Martha...

A senhora ergueu o queixo novamente.

— O que ele quer, Marcos? Um apartamento na praia? Um carro de cem mil reais?

— Ainda não disse, mas com certeza será de valor inferior comparado ao prejuízo que teremos com o embargo.

— Você está pensando em ceder? — perguntou ela e Marcos sabia

que estava sendo analisado.

— Só estou analisando os valores.

— Deixe que pare a obra, não vou alimentar um verme. A justiça Dele — disse ela apontando para o céu — sempre chega. Então, caro amigo, se esse é o seu problema, não se desgaste com ele.

— De qualquer forma, vou ao Rio amanhã.

— Perfeito. Está liberado, Marcos. — Ela acompanhou seu pupilo ir até a porta e sentiu-se no direito de perguntar: — Marcos...

— Pode falar, Dona Martha.

— E sobre esse noivado?

Ele lhe devolveu um sorriso informal.

— Coisa da Bianca, fiquei sabendo pelo jornal.

Ela sorriu mais abertamente do que de costume.

— Bianca, sempre a Bianca. Não sei como pude ter errado tanto com ela. Acho que por falta de filhos exagerei nos caprichos com a minha sobrinha. — Marcos sorriu com olhos baixos. — Vocês pretendem se casar?

— Não tivemos tempo pra pensar nisso ainda.

Ela devolveu a ele seu sorriso robótico e ele saiu.

No caminho de volta a sua sala Marcos se deu ao luxo de pensar em Bianca, estavam juntos há um ano num relacionamento que matematicamente falando, resultaria em trinta dias de relacionamento físico. E daqui a pouco estaria casado e não havia se dado conta ainda se era isso mesmo que queria. Mas certamente Bianca era mulher perfeita. A mulher ideal. E o fazia feliz da forma como já fazia: mantendo-se tolerante, passiva e linda, mas antes que pudesse colocar alguma dúvida naquele sentimento por ela seu celular tocou.

— Pode falar, Ivan. Já está tudo resolvido...



A porta se abriu e Vânia se aproximou.

— Doutor Marcos, o senhor vai continuar no escritório?

— Nossa — disse sem olhá-la. — Já são dezoito horas?

— Sim. O senhor vai precisar de mais alguma coisa?

— Não, Vânia pode ir, obrigado.

— As informações sobre a passagem estão no aplicativo. Já combinei tudo com a Roberta.

— Muito obrigado, Vânia.

— Se o senhor não for precisar de mais nada, eu já vou. Qualquer dúvida é só me ligar, doutor Marcos. — Ela ia saindo mas voltou-se para ele. — Ah, doutor Marcos, eu já ia me esquecendo, ligaram da recepção avisando para ninguém sair de carro. Está tendo uma manifestação aqui na frente.

Foi apenas nesse momento que Marcos se desprendeu do computador.

— Que tipo de manifestação?

— Não sei dizer, mas acho que ela falou algo sobre índios.

Marcos imediatamente arrastou a cadeira para trás e foi até a janela. Olhou para baixo e viu um grupo indígena na frente da empresa.

— E a Dona Martha?

— Foi embora de helicóptero.

Marcos saiu apressado pegou o elevador e desceu até a recepção. Viu um aglomerado de funcionários olhando pela porta de vidro. Se espremeu entre as pessoas para chegar até a saída e, sem pensar, abriu. Os índios ao vê-lo, passaram a gritar “justiça”, com placas escritas “Empreendimento custará vinte milhões e quinze indígenas”. Marcos quis se aproximar, mas os seguranças o barraram.

— Eles são hostis, pode ser perigoso, doutor.

Marcos por algum motivo queria muito ir até lá e dizer que o empreendimento não era deles. Que estavam sendo injustos. Um dos indígenas, o mais velho deles, usava um cocar de penas azuis, os olhos pintados com listras pretas feitas à mão. Usava bermuda jeans, chinelos e na mão uma lança. Fumava um cachimbo de haste longa. Ele deu passos na direção do executivo, mas os seguranças se aglomeraram na sua frente. Marcos pediu para que o deixassem se aproximar. O indígena com uma expressão triste encarou-o com olhos úmidos e disse em português:

— Era meu filho... Meu povo...

— Vocês estão enganados, o empreendimento não é nosso. Não fomos nós...

O índio por sua vez mudou repentinamente a sua expressão de raiva para dúvida. Congelou seus olhos nos de Marcos como se observasse através deles. Tragou o cachimbo e jogou a fumaça no seu rosto.

— Este aqui não é o seu lugar.

— O quê?

O índio deu as costas e voltou para seu grupo.

No caminho de casa apesar de estar com olhos grudados no celular, não pôde deixar de pensar no indígena e que Dona Martha, como sempre, estava certa. Foi para seu apartamento, mas levava consigo várias pastas de relatórios que deveriam ser reavaliados. Seus planos para aquela noite eram: um pacote de bolacha recheada, uma lata de refrigerante e vários relatórios analisados. Atravessou a porta olhando no celular, pousou sua maleta e as pastas sobre sua mesa de trabalho. Olhou rapidamente para o filho que estava deitado no sofá com a TV ligada, mas jogando no celular.

— Oi, filho — disse Marcos ficando em pé parado no meio da sala digitando no celular. — Como foi a aula?

— Bem — respondeu também sem olhá-lo —, eu já fiz minha lição com a Roberta.

— Que ótimo — falou sorrindo para a acompanhante do menino. — Oi, Roberta?

— Oi, Seu Marcos. Posso falar com o senhor?

Marcos tirou os olhos das mensagens e sentou-se no sofá ao lado do filho.

— Claro.

— O Arthur me disse que o senhor deixou ele ir dormir na casa do Pedro.

— Quem é Pedro?

— O amigo do Arthur — respondeu ela sem maiores surpresas, já trabalhava para ele havia três anos e sabia que o doutor era ocupado demais para se lembrar do nome do melhor amigo do filho.

— Ah, claro. Eu deixei sim.

— A Vânia me disse que senhor vai viajar.

— Vou sim, de madrugada.

— A mãe do Pedro vai levá-los a escola e depois eu passo para pegá-lo.

— Obrigado, Roberta.

— Eu vou só porque aquela chata da Bianca vai dormir aqui.

— Arthur eu já disse que você não tem o direito de falar da minha vida na frente das pessoas.

Marcos não estava irritado, aquela frase eram apenas palavras soltas que ele usava sempre que o filho reclamava da sua namorada. Seu celular tocou.

— Alô...

Marcos foi até a janela falando alto. Roberta ouviu bater na porta e ficou desesperada, não sabia o que fazer, virou-se para Arthur e pediu:

— Arthur, abre a porta pra Dona Bianca, por favor.

— Eu não... — ele disse comemorando por ter passado mais uma fase do jogo. — Abre você.

— Você sabe que a minha voz não está programada. Por favor, Arthur, seu pai está no telefone, não arrume briga com ele.

— Ela é uma chata, fica me agradando, mas eu sei que é só porque ela quer casar com meu pai. Ela não gosta de mim.

Roberta se ajoelhou ao lado dele e acariciou seus cabelos, pedindo carinhosamente.

— Ela gosta, sim. Por favor, não deixe seu pai chateado.

Arthur ouviu Bianca bater com mais força, olhou para o pai ao telefone e pensou que a namorada dele bateria a noite inteira que ele não ouviria, cedeu.

Abrir porta

Arthur colocou o celular ainda mais próximo do rosto para ignorar a presença da futura madrasta. A porta se abriu, Bianca entrou carregando sua bolsa de grife no antebraço, usava um vestido salmão até a altura dos joelhos e salto alto deixando-a do tamanho do namorado. Bianca é linda, tem vinte e sete anos, inteligente e otimista e tão envolvida com sua vida na internet quanto Marcos com a Costa Barreto. Se aproximou com um sorriso exagerado de lábios vermelhos e viu que Marcos falava ao celular e não quis incomodá-lo, então cumprimentou a acompanhante e se sentou ao lado de Arthur.

— Oi, Arthur! Tudo bem?

— Tudo — respondeu sem nenhum entusiasmo.

— E como vai na escola?

Bianca olhou no próprio celular quando este apitou e passou a digitar usando os dois polegares. Arthur enrugou o cenho com raiva e lhe disse:

— Bati na professora e fui expulso do colégio.

— Hum... Que legal! — disse Bianca ainda olhando no celular. — Seu pai tem muito orgulho de você.

Roberta arregalou os olhos ao ouvir aquilo e viu o sorriso vitorioso do menino por ter provado a ela que a mulher realmente não se importava. Antes que Arthur se exaltasse, Roberta se levantou pegou a mochila dele e disse:

— Dona Bianca, a senhora pode avisar o Seu Marcos que eu vou levar o Arthur na casa do amigo, já deu a hora combinada e eu estou vendo que ele está ocupado.

— Pode deixar, aviso, sim, querida. Tchau, Arthurzinho!

Arthur fez uma careta, odiava ser chamado assim. Se aproximou do pai e o cutucou, Marcos virou-se vendo o fazer uma mímica avisando de que iam sair. Curvou-se para beijar o filho sem se desprender da ligação e só agora havia notado a presença da namorada, acenou para ela. Vinte minutos depois, Marcos desligou o celular e virou-se para a Bianca impecavelmente linda como sempre. Seus olhos azuis ficavam ainda mais vibrantes com a maquiagem e os lábios ainda mais apetitosos com o batom vermelho. Os cabelos negros exalavam perfume agradável e eram tão sedosos que era impossível não tocá-los.

— Oi, Bianca.

— Oi, amor. Tudo bem?

Disse ela se levantando e o beijando de uma forma mecânica. Marcos tirou a gravata, o terno e abriu os primeiros botões da camisa. Bianca observou o namorado indo até a mesa de trabalho e comentou sem dar muita atenção àquilo.

— Tem muito trabalho hoje?

— Infelizmente tenho. Vou ter que sair de madrugada, vou viajar para o Rio. Eu esqueci que você vinha dormir aqui, senão eu teria te ligado. Você sempre manda uma mensagem me avisando.

— E você nunca lê — alfinetou com bom humor. — Tudo bem, eu também tenho umas fotos pra postar e alguns eventos para avaliar e escolher em quais eu vou.

— Que ótimo — disse ele abrindo o notebook.

Bianca foi até as garrafas de bebidas que ficavam sobre uma bandeja na sala de jantar e enquanto falava ao celular preencheu um pouco mais da metade, uma taça com vinho seco e tinto, ofereceu ao namorado com um gesto, mas ele recusou. Bianca tomou um grande gole andando pelo apartamento de um lado para o outro e falando ao celular.

— Claro que vou nessa festa... Não perderia isso por nada. Vou mandar fazer um vestido exclusivo para mim. Essa cafona vai morrer de raiva.

Marcos abriu seus e-mails, e, os não lidos, enfileiraram-se infinitamente. Tentou clicar em um deles, mas o computador travou com um spam da foto de uma fazenda que preencheu a tela inteira, num anúncio que dizia: “Está cansado da agitação da cidade? Está em busca de tranquilidade e sossego? Venha para fazenda Paraíso...”.

— Não, obrigado — desdenhou Marcos conseguindo fechar o spam.

— Não se preocupe — continuou Bianca ao telefone. — Ok, beijo, querida, tchau.

Bianca se atirou no sofá cruzando as pernas e agitando o pé freneticamente.

— Brigando com suas amiguinhas pela internet de novo? — perguntou Marcos com a atenção no computador, voltando a brigar com o spam que insistia em abrir.

— A Rebeca Magalhães falou mal do meu vestido no Twitter. Ela é louca! Os estilistas pagam pra eu andar pelo shopping com suas roupas, o que não é o caso dela. — Bianca se levantou e encheu a taça novamente. — Quer sair para jantar?

— E ficar fazendo pose para paparazzo? Não, obrigado. Estou cheio de trabalho. Vamos ficar em casa, tomo um uísque e vou me deitar.

— Você vai à festa da Malu Soares comigo, não vai?

— Odeio festas, você sabe disso.

— Eu estava pensando em fazer uma viagem. O que você acha? - Marcos estava com os olhos grudados na tela do computador, Bianca olhou para ele com as mãos na cintura e disse: — Marcos!!!

— O que foi? — perguntou ele com olhos curiosos.

— Eu te fiz uma pergunta.

— Me desculpe, eu não ouvi. O que foi?

— Uma viagem. Eu estava pensando num luau, numa praia paradisíaca. O que você acha? A gente precisa sair junto, fazer umas fotos, tipo Adão e Eva no paraíso. Fazer amor numa praia deserta. Você me deve isso — disparou depois de dar uma gargalhada. — Você não vai às festas comigo, preciso passar para os meus fãs que estamos bem.

— Tenho uma cama muito confortável, não vou fazer sexo numa praia só porque é romântico e você precisa de fotos. Também não posso viajar. Estou com um problema muito sério na empresa.

— Só acho que um pouco de estímulo também aquece o relacionamento.

Marcos cruzou os braços sobre o peito e encarou a namorada.

— Não preciso de estímulos, Bianca. Preciso de conforto.

Ela se levantou beijou-lhe os lábios e sorriu.

— Só não te chamo de troglodita porque você é Marcos Monterrey. Ele lhe devolveu um sorriso curto.

— Não sou um troglodita, sou apenas prático. Tenho uma mulher linda ao meu lado, não preciso de afrodisíacos.

Ela sorriu maliciosamente.

— Então vou ligar a sua banheira confortabilíssima e vou ficar de molho lá dentro tomando champanhe e olhando minhas redes. Quando você terminar... — sugeriu ela.

Bianca apanhou o celular e foi até a suíte respondendo a uma mensagem. Marcos observou a namorada e o vestido justo que ela usava. Era exuberantemente linda e compreensível, mas sua atenção rapidamente se desviou para seu celular tocando, era Ivan, e àquele horário não podia ser boa notícia.

— Alô, Ivan. Pode falar...

— Pararam a obra por tempo indeterminado. Perdemos, Marcos... Perder não era uma palavra que fazia parte da sua rotina. Perder.

Marcos sentiu uma dor muito forte no peito e as vistas escureceram. Curvou-se para a frente na esperança de que aquilo passasse, mas perdeu os sentidos e soltou o celular. A voz de Ivan se esvaiu no cômodo:

— Marcos... Marcos... Você está me ouvindo?

O aparelho bateu com uma ponta no chão, o vidro se estilhaçou e a luz se apagou.

Primeiro de Julho

Marcos olhou para a mancha roxa no canto interno do seu braço deixada pelo acesso intravenoso na qual recebera a medicação. Em seguida, olhou Arthur que mantinha a atenção presa no celular. Voltou a nuca no encosto do banco e levou os olhos até a janela da aeronave e observou o céu através da lente dos seus óculos de sol, lembrando-se de sua mentora rigidamente dizer:

— Você tem duas escolhas, Marcos: ficar aqui e morrer; ou ir para essas férias e ter uma chance de no futuro continuar à frente das minhas empresas. Acho que a escolha é óbvia.

— Dona Martha, a senhora mais que ninguém sabe que eu não posso ficar tanto tempo fora. Eu preciso trabalhar. Tenho um milhão de coisas pra resolver e agora esse problema com a torre do Rio. A empresa precisa de mim.

— Esse é o problema, Marcos. Há anos a empresa se tornou dependente de você e isso não é saudável para nenhuma das partes. Um bom líder não carrega a equipe nas costas e é isso que tem feito. Uísque substituindo jantares, noites sem dormir, sanduíches e estresse não te torna mais profissional do que os outros. Te torna uma pessoa doente.

— Eu posso rever minha rotina...

— Marcos, vou lhe fazer uma confissão. Me sinto totalmente responsável pelo fim do seu casamento com a Deborah e pelo seu estado de saúde atual. Você não vai mudar. Ficar aqui não vai fazer você resistir às extravagâncias.

— A senhora não tem culpa dos meus problemas particulares.

— Quero que fique fora por um mês — disse taxativa — e isso é uma exigência. Sem pensar na empresa. Cuidando da sua saúde. Se divertindo com seu filho. Pensando no seu futuro com a Bianca. Um mês é o tempo que você tem para me provar que é capaz de manter-se em equilíbrio. Você é um workaholic, e isso não é um título honorário, é uma doença.

— Dona Martha...

— Sabe que sou mulher de uma única palavra. Então, não desperdice o nosso tempo com argumentos, doutor Marcos Monterrey.

Marcos olhou para o lado por um tempo e rendeu-se.

— E que lugar é esse?

Dona Martha lançou-lhe seu sorriso robótico.

— Você vai adorar! É literalmente o paraíso. Garanto a você que vai voltar outra pessoa — anunciou levando o gancho do telefone até sua orelha. — Vânia, alugue um jatinho, por favor.



Marcos tirou o celular do bolso da camisa pela décima vez: nenhum sinal de internet. Voltou a guardá-lo e esticou o pescoço até a janela para conseguir olhar por onde sobrevoavam, e àquelas alturas só era possível ver um vale montanhoso na qual um rio cortava toda sua extensão. E por onde seus olhos alcançavam viam apenas pastos, morros e montanhas. Não havia cidade em parte alguma. Quando o piloto iniciou o pouso, Marcos observou um pequenino vilarejo próximo a uma casa. As rodas do avião tocaram o chão suavemente e passou a deslizar pela pista, até parar por completo. O piloto abriu a porta. Marcos apanhou sua maleta com o notebook, tocou no ombro do filho para ajudá-lo a descer e passou os olhos a sua volta.

— Onde estamos? — perguntou ainda olhando ao redor tentando reconhecer o lugar.

— Fazenda Arumã — respondeu o piloto.

— A Dona Martha me disse que era um resort.

— Tenho certeza que ela me disse fazenda Arumã, doutor.

Marcos fez covinhas de reprovação, apanhou o celular e mesmo sem nenhum ponto de sinal de telefonia discou para Vânia, entretanto a ligação não foi concluída.

— Isso não é possível! Aqui é o meio do nada.

Para aumentar ainda mais o desespero do homem. Uma charrete levantando poeira vinha de uma longínqua estrada de terra. O veículo parou ao lado deles e dela saltou um homem, usando chapéu, uma camiseta branca, jeans, botas de couro de cano curto e um cinto com a fivela com a imagem de um cavalo. Ele os recepcionou com um sorriso tão largo, que era possível notar que faltavam-lhe os dentes laterais.

— Boa tarde, doutor. Sejam bem-vindos a fazenda Arumã. Meu nome é Tomás. — Ambos estenderam as mãos e Marcos sentiu a aspereza da pele do homem ao toque do cumprimento.

— Marcos...

— Vou levar vocês até o casarão da Dona Martha.

Continuou o homem num carregado sotaque interiorano, na qual o som da letra “r” ele estendia mais do que o comum. Nesse momento Arthur tirou os olhos do celular e empurrou os óculos para perto dos olhos olhando à sua volta também, parecia que havia acabado de despertar.

— Que lugar é esse, pai?

— É a fazenda da Dona Martha.

Tomás pegou as duas malas das mãos do piloto e acomodou-as na parte de trás da charrete em seguida apontou o banco para os dois como que os avisando que era hora de subir. Marcos e Arthur apenas moveram os olhos para analisar o veículo inusitado e se entreolharam. Marcos virou-se para a estrada cogitando ir a pé até a propriedade, mas àquela distância não era possível ver o tal casarão, então resolveu ceder.

— Vamos! — insistiu Tomás.

— Claro — respondeu Marcos com um sorriso sem graça e apoiando a mão no ombro do filho.

— Eu não quero ir, pai.

— Vamos, Arthur... — ordenou gentilmente.

O menino obedeceu e subiram sem nenhuma dificuldade. Tomás subiu fazendo a charrete balançar, tomou as rédeas e bateu de leve no dorso do animal para avisá-lo que poderia seguir. E apenas o tranco no início deixou os visitantes um tanto apreensivos. A viagem seguiu no galope leve do animal, que mesmo assim fez as rodas levantarem uma nuvem de poeira atrás deles. Marcos, muito descontente, percebeu os óculos de sol embaçarem, tirou-os e virou-os para observar o lado externo das lentes: estavam empoeiradas. Guardou-os no bolso da camisa e passou a mão no rosto sentindo-se muito incomodado.

— Pai, isso é uma charrete, né?

— Isso mesmo.

— Não achei que as pessoas usassem ainda.

— Nem eu — disse erguendo a sobrancelhas, mostrando-se tão surpreso e insatisfeito quanto ele.

Marcos olhou para o céu, devia fazer uns trinta e dois graus, mas o clima seco deixava a sensação de quarenta. Olhou à sua volta, Dona Martha estava certa. O lugar era lindo, um paraíso, mas para quem tinha paciência de apreciar a pasmaceira interiorana, poeira, mato e cheiro de esterco. Porém, para Marcos, toda aquela natureza além de nenhum pouco atraente, era sinônimo de: falta de sinal de internet, dias lentos e isolamento. O executivo levou os olhos até o filho, passou o braço sobre os ombros dele e lhe deu o beijo na cabeça, mesmo que este nem o tenha percebido, cuja atenção voltou a dar ao jogo. Continuaram na estrada que cortava a fazenda em duas partes, de um lado, nada; e do outro, coisa nenhuma. Apenas um imenso tapete verde, árvores e animais pastando. Mais adiante um velho, muito magro, montado num cavalo que parecia tão velho quanto ele, vinha no sentido contrário, acenou para que Seu Tomás parasse.

— Você o conhece? — perguntou Marcos preocupado.

— Conheço, sim, senhor, é o Seu Guma, ele é peão daqui.

Tomás parou a charrete ao lado do cavalo e o homem o saudou tirando o chapéu.

— Boa tarde, Seu Tomás. Boa tarde, doutor!

— Boa tarde! — respondeu o executivo.

Arthur ergueu a cabeça e empurrou os óculos para mais perto dos olhos, examinou o homem com certa indiscrição, parecia um caubói dos filmes que passavam na TV e na cintura levava um facão dentro da baia.

— O que manda, Seu Guma? — indagou Seu Tomás.

— Eu tô procurando mestre Ubiraci. Meu netinho tá meio enjoado, não come direito tem dois dias.

— O mestre não está cortando lenha pra Dona Joana?

— Acabei de vir de lá, ele num tá, não.

— Fique tranquilo, só vou deixar o doutor no casarão e lhe ajudo a procurar pelo mestre. Deve estar rodeando a fazenda, já que a patroa não está.

— Deus o abençoe, Seu Tomás.

— Amém, Seu Guma.

O velho a cavalo, antes de partir olhou para Marcos e indagou:

— O senhor doutor não pode dar uma examinada no bichinho?

— Desculpe-me, mas eu não sou médico.

O homem fez uma expressão de dúvida, mas agradeceu.

— Desculpa incomodar o senhor e seja bem-vindo.

— Obrigado.

Continuaram no chacoalho desprezioso da charrete. A estrada seguia reta e irregular e uma cerca feita de arames, contornava o caminho dos dois lados. A charrete diminuiu a cavalgada quando o chão de terra deu lugar a uma rua de pedras que deixou a viagem mais trepidante. Árvores frondosas e centenárias os recepcionavam se dividindo e abrindo passagem para recepcioná-los no pátio, deixando o lugar fresco a sombras de suas folhagens. E finalmente avistaram a casa que não era chamada de casarão à toa. A propriedade era uma enorme casa branca com forte influência italiana na sua arquitetura. Nas paredes externas detalhes neoclássicos revelavam a identidade da propriedade, muito bem preservada, se destacando aos pés de um morro. Na fachada um alpendre com quatro colunas de madeira talhada e pintadas de azul amparava a porta principal

da casa e a dividia em duas fileiras de inúmeros janelões também pintados de azul, no melhor estilo casa de fazenda. E o telhado feito com telhas de barro manchadas pelo tempo, dava a propriedade ainda mais crédito quanto à sua idade.

O condutor da charrete parou, um ganso grasnou e o som se destacou no silêncio do lugar, agitando os pássaros.

— Que barulho é esse, pai?

— Deve ser de um pato...

— É um ganso — replicou o motorista. — Deve ser o Elvis Presley, ele é muito exigente, reclama de tudo.

Os visitantes não deram atenção e saltaram. Marcos observou o lugar à procura de postes e fios e se incomodou por não encontrá-los. Se despreendeu dos pensamentos quando ouviu um cachorro vira-lata latir para ele. Marcos puxou o filho para mais perto com medo que o animal avançasse, entretanto Seu Tomás falou tranquilamente com o cão como se fosse uma pessoa.

— Kevin Costner, está mal-humorado hoje? A patroa saiu sem você, né? — Seu Tomás riu do próprio comentário e em seguida virou-se para os visitantes e explicou: — Ele fica meio estressado quando a patroa sai sem ele.

Marcos sorriu fingindo saber sobre o que ele dizia. Subiram a escada de pedra que dava acesso ao alpendre sob o olhar analisador do vira-lata. Ao lado da porta havia um sino de bronze pendurado na parede. Seu Tomás agitou a corrente presa no badalo e o som fez Arthur se encolher entre os ombros, incomodado. O homem abriu as duas folhas da porta e tirou o chapéu de forma respeitosa antes de entrar. Marcos tocou no ombro do filho, percebendo que o menino havia largado o celular.

— Que lugar é esse, pai?

— É a casa da fazenda da Dona Martha.

— Você já veio aqui?

— Não, nunca! Vamos. — Arthur endureceu o corpo, mas Marcos insistiu gentilmente. — Entre, filho, por favor.

O menino obedeceu e ambos ficaram parados no meio da ampla sala, ouvindo Tomás avisar.

— O doutor fique à vontade, a Dona Joana já vem recepcionar vocês.

Se precisarem de algum serviço meu é só mandar me chamar que eu venho correndo.

— Obrigado, senhor!

Após um gesto com a cabeça o homem se retirou. Pai e filho ficaram mais à vontade para passarem os olhos pelo lugar. O pé-direito era mais alto do que as casas tradicionais e todas as paredes, incluindo o forro, eram pintadas de branco, embora os batentes, portas internas e janelas eram azuis preenchendo o espaço com cor. As cortinas feitas de linho azul-escuro dava certo charme a todas as janelas. Marcos continuou observando o teto e constatou que havia um antigo lustre de ferro com duas lâmpadas, então havia energia. Olhou seus sapatos empoeirados e sob eles um assoalho de tábua escura e reta. A lareira com chaminé feita de pedra bruta era grande o bastante para aquecer todo o ambiente e diante dela um sofá e duas cadeiras talhadas com madeira de lei que pareciam com os tronos dos antigos reis. Havia no mesmo ambiente uma sala de estar no mesmo estilo da sala da lareira, mas com dois sofás ainda maiores e quatro poltronas forradas com tecido colorido. Ao lado uma enorme mesa de madeira com catorze lugares e um aparador. Nada ali dava a sensação de aconchego e conforto, mas sim que estavam numa viagem no tempo: precisamente no século XIX. Ao finalizarem a análise viram que perto da janela ao lado da porta havia uma cadeira de rodas e nela descansava uma senhora, na casa dos oitenta anos. Um rosto grosseiro, enrugado de nariz curvilíneo e olhos fundos e úmidos, paralisados no ar. Mesmo sentada era possível ver o quanto era pequena, fraca e debilitada. Arthur, sem desgrudar os olhos da senhora, puxou o braço do pai e sussurrou:

— Será que ela está morta?

Marcos ia responder, mas ouviram passos pesados sobre o assoalho e do lado direito surgiu uma mulher de cinquenta anos, branca, cabelos lisos e negros, que passavam um pouco da linha dos ombros. Tinha um sorriso generoso e sincero e marcas de expressão no contorno dos olhos. Usava um vestido florido até os joelhos e se aproximou estendendo-lhe a mão e disse com forte sotaque.

— Boa tarde! Meu nome é Joana.

Marcos tirou a mão do ombro do filho e respondeu ao cumprimento.

— Marcos... E este é o meu filho, Arthur. — A mulher percebendo

que o garoto não parecia muito à vontade apenas sorriu para ele e voltou a olhar o executivo.

— Não sei se a Dona Martha contou pro senhor que minha filha e eu somos as responsáveis pela fazenda desde que meu marido faleceu

— Não, na verdade estou um pouco surpreso, eu não sabia que viria pra cá.

Ela ergueu as sobrancelhas ao ouvir aquilo, mas preferiu não fazer nenhum comentário e continuou apontando para o corredor da esquerda.

— Então, vamos conhecer a casa? As salas dividem a propriedade em duas áreas: o lado esquerdo dá acesso aos quartos dos hóspedes; já o lado direito à cozinha e ao quarto dos empregados.

Quando passaram pela senhora na cadeira de rodas, inesperadamente ela se mexeu e disse em tom de voz alto.

— Seu avô chegou, Joana?

Arthur se assustou e Dona Joana a repreendeu com carinho.

— Vovó, não assuste os hóspedes.

— Eu não fiz nada — disse a senhora. — Quem são esses aí?

— São hóspedes: doutor Marcos e o Arthur, filho dele.

— Vieram para a festa?

— Sim, vovó.

A senhora voltou na sua posição inicial e com olhos paralisados. Dona Joana sorriu carinhosamente e olhou para Marcos.

— Não se preocupem com ela. Me acompanhem, por favor — continuou a mulher adentrando o corredor e após cinco portas azuis, abriu uma delas. — Esse é o seu quarto, não temos suíte, mas o banheiro fica na porta da frente. O Arthur pode ficar no quarto ao lado.

— Vou dormir aqui com o meu pai.

— Como quiser — disse ela com um sorriso. — Se preferir podemos trazer outra cama pra cá.

— Não será necessário — interrompeu Marcos, achando que não passariam de uma noite naquele lugar.

— Bem, a cozinha fica do outro lado da casa. Como eu já disse, é só

atravessar as salas e continuar no corredor. Podem ir até lá a qualquer momento. Eu acabei de fazer um bolo, se quiserem tomar um café antes do jantar.

— Obrigado! — disse Marcos sentindo se muito desconfortável.

— O jantar é servido às seis, o almoço ao meio-dia na sala de jantar. Mas se quiserem comer em outro horário é só avisar ou ir até a cozinha. Se tiverem algum cardápio próprio é só me falar que eu farei o possível pra cozinhar do jeito que vocês gostam. As luzes da casa são apagadas às nove e como não há interruptores nas paredes, vão precisar da ajuda do lampião para caminhar pela casa. — Arthur levou os olhos até a parede e constatou que não havia mesmo. — Todos os dias às oito horas, Isalina vai trazer uma moringa com água fresca para que passem a noite. Qualquer coisa que precisar é só usar o sino.

— Que sino? — perguntou o garoto.

— Venham até a porta, por favor. — No largo corredor havia um aparador com base de ferro, sobre ele uma máquina de escrever antiga, um vaso com flores e outro sino de ferro sobre uma toalhinha de crochê. Dona Joana apanhou o pesado objeto e virou-se para Arthur.

— Quer experimentar? — Arthur balançou a cabeça negativamente, parecia com medo de todas aquelas novidades. Dona Joana balançou o sino, Arthur se incomodou novamente com o som e, em seguida, passos apressados arrastando chinelos se aproximaram. Uma moça bonita, sorridente, de cabelos longos e castanho-claros, olhos grandes, magra e alta dentro de um vestido verde, parou diante deles.

— Chamou, don`Joana? — disse a recém-chegada arregalando os olhos com indiscrição para o executivo, Dona Joana percebeu a indiscrição da moça e limpou a garganta, continuando:

— Esta é Isalina; Isalina estes são o doutor Marcos e o Arthur, o filho dele. — Eles se cumprimentaram enquanto Dona Joana continuou: — Tudo o que quiserem a Isalina vai fazer o impossível para conseguir. É só pedir. No casarão mora somente Isalina, minha filha e eu. Na fazenda tem uma colônia na qual moram os trabalhadores daqui, então vão encontrar muita gente perambulando pelo pasto — disse a mulher com um sorriso

humilde — mas todos estarão prontos pra atender no que precisarem. Espero que aproveitem bem as férias. Qualquer coisa que precisarem é só pedir mesmo, a gente vem correndo.

— Obrigado, Dona Joana!

As duas se afastaram, os dois continuaram de pé analisando o ambiente. Um quarto grande com uma cama de casal, um guarda-roupas, um criado-mudo e uma mesa para refeições, todos de madeira escura e talhada. As cortinas eram iguais às da sala. Marcos virou-se para o filho que mexia na maçaneta, na qual usava-se o polegar para acioná-la.

— Pai, eu não quero ficar aqui.

Marcos queria dizer que também não queria, mas não o fez, para não aumentar a insatisfação do filho.

— Fique tranquilo, vai dar tudo certo.

— Como vai ser a noite? Vamos ficar na escuridão total?

— Não sei...

— Se eu encontrar com aquela mulher da cadeira de rodas, no escuro vou ter um treco.

— Acho que ela não anda, filho. E não fale assim é só uma senhora — disse olhando no celular.

— Pai, sério, não quero ficar aqui.

— Arthur não é hora para isso. — Marcos se certificou de que não havia sinal de internet e nem de telefone, virou se para Arthur. — Seu celular tem sinal?

— Não...

— E o sinal de telefone?

— Também não. Tudo parou de funcionar desde o momento em que pisamos aqui. Acho que a Dona Martha não gosta de você, pai.

— Também acho que não — concordou Marcos sorrindo. — E, acredite, ela passa todas as férias aqui, nem da pra acreditar.

Arthur foi até o guarda-roupas e observou a madeira grossa e escura e os detalhes dos desenhos talhados que aos seus olhos pareciam um tanto lúgubre.

— Nem a vovó tem um móvel desse. — Voltou-se para o pai que

estava em pé andando de um lado para o outro com os olhos no celular. — O que você tá fazendo?

— Estou reiniciando o celular quem sabe ele busca a internet daqui.

— Pai, não vai dar certo. Eles não tem nem TV. Isso é uma necessidade básica de toda casa, como ter privada.

Apesar de Arthur estar realmente desesperado conseguiu fazer o pai sorrir.

— Não seja exagerado, Arthur, um mês vai passar rápido, você vai ver — disse sem nenhuma convicção.

— Duvido, você viu essa casa? Essas pessoas esquisitas? Eles parecem personagens de filme de terror. E o que é uma moringa?

Marcos sentou-se na cama olhando no celular, mas sorriu ouvindo o filho.

— Moringa é um recipiente pra colocar água.

— Acho que é um instrumento de tortura.

Arthur foi até a janela e afastou a cortina, olhou o trinco de ferro em forma de um enorme “L” que ia até a parte superior, o destravou, abriu e fechou a janela para testar se funcionava, olhou para fora e o sol forte feriu seus olhos. Passou a observar a fazenda e nada daquilo lhe chamava atenção. Apenas grama, árvores e o rio que passava do lado esquerdo da propriedade. Pensou que um mês naquele lugar, sem seu quarto, sem suas coisas seria seu pior castigo.



Marcos e Arthur atravessaram a porta do quarto apenas para irem ao banheiro uma única vez durante toda a tarde e repetiriam a travessia para tomar banho. Arthur abriu a porta e colocou a cabeça para fora do quarto e olhou dos dois lados do corredor como se fossem fugir, apertou os olhos e viu os pés da senhora que continuava sentada na cadeira de rodas na sala.

— Pai, vamos!

Estavam com as roupas e as toalhas nas mãos e caminharam até o banheiro. Pousaram as roupas sobre um cesto de vime e ficaram por um tempo analisando tudo.

— Esta banheira parece uma xícara gigante. Vamos ter que entrar nela pra tomar banho?

— Parece que sim. Não tem chuveiro aqui.

— Acha que vai sair água quente?

— Vamos ver — conjecturou girando o dispositivo que parecia uma válvula para hidrante.

Arthur e Marcos se despiram e se encolheram de frio. O dia havia sido muito quente e seco e à noite a temperatura havia despencado drasticamente.

— Pelo menos tem sabonete e xampu que a gente conhece.

— Vá urinar antes de entrar — ordenou o pai.

O menino obedeceu. Urinou observando o vaso sanitário azul-celeste e os azulejos com estampa floral e comentou:

— Eu nunca tinha visto pia e vaso sanitário como estes e os azulejos são bem esquisitos.

— São bem antigos...

— São feios — afirmou o garoto.

Arthur terminou de urinar e observou que não havia caixa acoplada nem válvula de descarga, ergueu os olhos para o alto e havia uma caixa plástica e uma cordinha.

— Pai...

— Oi, filho...

— Como você deu descarga da outra vez que viemos ao banheiro?

— É só puxar essa cordinha — respondeu Marcos entrando na banheira e soltando um gemido satisfatório. — Hum! A água está bem quente.

Arthur ficou por um tempo analisando a cordinha e a puxou, ouvindo o barulho da água descer pelo cano e chegar até o vaso sanitário.

— Que coisa mais esquisita.

O menino foi até a banheira, entrou ficando de frente para o pai. Marcos passou sabonete na esponja e Arthur indagou:

— O que é isso?

— Uma esponja natural — disse esfregando-a contra o braço do menino.

— Parece um bicho. E o que são esses pontinhos pretos?

— São sementes...

Arthur ficou observando os movimentos do pai o esfregando, nunca imaginou que ele saberia lhe dar banho. Olhou no rosto dele, tocou sua barba e disse:

— Quando eu crescer quero ter uma barba igual a sua.

Marcos soltou o ar pelas narinas, com um sorriso envaidecido e garantiu:

— Você vai ter.

— Eu escuto todo mundo falar que você é bonito.

— Mas eu prefiro ouvir que sou um bom profissional — disse serenamente.

Arthur ficou em silêncio por um tempo e inocentemente, comentou:

— Nunca tomamos banho juntos antes. — Marcos parou de esfregá-lo e o encarou: — Não fazemos muitas coisas juntos.

— Você me entende? — Tomou o rosto dele entre suas mãos e olhou nos seus olhos dizendo carinhosamente: — Você entende que sou um homem muito ocupado?

— Entendo, pai. — Marcos sorriu satisfeito e voltou a esfregá-lo. — Mas acho que de vez em quando a gente podia fazer alguma coisa juntos. Quando você estiver de folga. Mas eu sei que você precisa trabalhar, pai. — Marcos não conseguiu dizer nada até o filho emendar: — A mãe não entendia, não é? Por isso vocês se separaram?

Marcos parou novamente o movimento.

— Ela não entendia e eu também não quis entender a sua mãe. Nós erramos, mas a culpa sempre foi mais minha.

— Se pudesse voltar no tempo, você ia ficar com a mamãe? — Marcos sorriu carinhosamente para o filho lembrando-se da ex-esposa e disse olhando em seus olhos:

— Se eu pudesse voltar no tempo eu faria tudo diferente. Acredite! Você não fala muito nela.

— Falo sim, pai, pra Roberta. Mas eu não me lembro muito da mamãe. Quase nada.

— Ela amava muito você.

— A gente não tem muito tempo pra conversar. Sabe, nós dois — disse o garoto tranquilamente, mas Marcos sentiu-se culpado. Arthur voltou a ficar em silêncio e pensativo observando os movimentos do pai. — Pai, você acha que a mamãe olha a gente lá do céu?

Marcos juntou as sobrancelhas quando a frase fez sua garganta arder, mas mostrou-se forte.

— Acho que ela está o tempo todo com você.

Arthur sorriu satisfeito por ouvir aquilo.

— Eu ouvi a vovó falar pro vovô, que mesmo separados ela ainda amava você.

— Sua avó disse isso?

— Sim...

Marcos baixou os olhos lembrando-se da voz de Deborah “Amo você como nunca vou amar outro homem”. Arthur ficou olhando o rosto do pai e perguntou:

— Você ama a Bianca como amava a minha mãe?

Marcos encheu a cabeça dele de xampu e esfregou fazendo muita espuma tentando ganhar tempo, para que o nó que cada vez apertava-lhe a garganta lhe desse uma trégua e pudesse responder.

— Amei sua mãe de uma forma que nunca vou amar outra igual. Sua mãe foi única para mim.

— E mesmo assim vocês se separaram?

— Um dia você vai entender, Arthur, que o ser humano só dá valor as coisas quando as perde e às vezes é tarde demais para voltar e concertar tudo. Não vou te julgar se não me perdoar, mas por enquanto basta saber que eu amei muito sua mãe, amo você mais do que qualquer coisa e ninguém vai substituir vocês no meu coração.

O menino sorriu e Marcos lhe fez uma barba branca de espuma.

— Fiquei igual a você, pai?

— Sim, só que bem mais velho.

Na hora do jantar, não foram até a mesa, Marcos pediu que as refeições fossem servidas no quarto. Então pontualmente às seis horas, Isalina entrou com o jantar. Às sete retirou a louça suja e às oito colocou a moringa sobre a mesa e duas canecas de ferro. Arthur esperou que ela saísse e se levantou para conhecer o novo objeto. Tocou na moringa e um tanto desapontado comentou:

— Um jarro de barro... grande coisa!

Marcos e Arthur deitaram-se na cama, abraçados e aquecidos debaixo de pesados cobertores. As luzes foram apagadas e a casa se cobriu de uma escuridão aterrorizante. Ouvia-se apenas o som dos grilos, sapos e de algum animal que não puderam identificar. Marcos contou ao filho algumas histórias sobre sua infância e não foi preciso muito tempo para pegarem no sono.